

A INTERROGAÇÃO EM SATERÉ-MAWÉ – UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Dulce do Carmo Franceschini - UFU
Fernanda Ferreira Spoladore - UFU

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma descrição preliminar do sistema interrogativo da Língua Sateré-Mawé. Essa língua é classificada por Rodrigues (1984/85) como sendo o único membro da família Mawé – tronco Tupi - e é falada por cerca de 9.000 mil pessoas, os Sateré-Mawé, que vivem na Área Indígena Andirá-Marau, municípios de Parintins, Barreirinha e Maués, no Baixo Amazonas.

A descrição aqui apresentada foi realizada a partir da análise de um *corpus* constituído de enunciados interrogativos obtidos em textos escritos e/ou transcritos por professores sateré-mawé e publicados em seis livros de histórias sateré-mawé, sendo cinco deles organizados por Dulce FRANCESCHINI e um da autoria do Pe. Henrique UGGÉ¹.

O artigo está dividido em duas partes: na primeira, mostraremos de quais possibilidades morfossintáticas e/ou fonológicas – propostas por Thomas E. Payne (1997) –, os sistemas interrogativos concernentes às diferentes línguas do mundo já analisadas estão imbuídos; na segunda, por sua vez, mostraremos as possibilidades morfossintáticas e/ou fonológicas que tornam possíveis a construção de enunciados de valor semântico interrogativo em Sateré-Mawé.

1. A interrogação nas línguas do mundo

De acordo com Thomas E. Payne (1997), há na maioria das línguas existentes marcadores especiais que possibilitam aos enunciados possuírem valores semânticos específicos. Isto é, as línguas são dotadas de diferentes mecanismos morfossintáticos e/ou fonológicos que permitem expressar determinados sentidos, os quais podem indicar o valor semântico declarativo, interrogativo ou imperativo de seus enunciados.

Designam-se interrogativos, os enunciados que estabelecem qualquer modo de questionamento, contendo, em um contexto comunicativo em que participem dois ou mais indivíduos, determinadas funções intrínsecas, como a solicitação de uma ação específica ou o pedido por determinada informação.

Há dois tipos de enunciados interrogativos caracterizados pelas línguas analisadas até o momento: de um lado, as interrogações que recebem como resposta apenas uma afirmação (sim) ou negação (não) – tipo 1 – e, em contrapartida, determinados questionamentos que exigem mais do que simples resposta afirmativa ou negativa, isto é, necessitam de um esclarecimento melhor elaborado, o qual pode consistir em desde uma sentença ou oração, até um discurso extenso – tipo 2.

A fim de expressarem valor semântico interrogativo, os enunciados de ambos os tipos (1 e 2) podem utilizar de diferentes possibilidades morfossintáticas e/ou fonológicas, entre as quais podemos citar a *entonação*, o *ordenamento de palavra*, a *adição de partícula interrogativa*, o uso de *palavras interrogativas*, bem como as questões do *tipo tag*.

Payne afirma que há línguas em que a **entonação**, como variação do tom da fala, consiste no único indício de que o enunciado exprime um questionamento, embora haja línguas em que esta possibilidade morfossintática é combinada com outras em enunciados interrogativos.

Outra possibilidade considerada por Payne é o **ordenamento de palavras**, a qual estabelece a mudança de posição entre determinados elementos do enunciado. Na maioria das línguas em que há o emprego desta possibilidade, a inversão dos elementos se manifesta entre o sujeito e o verbo da sentença.

O acréscimo de uma **partícula interrogativa** no enunciado consiste, ainda, em outra possibilidade capaz de constituir uma interrogação. Esta partícula pode estar localizada tanto antes ou após o primeiro elemento do enunciado quanto no fim da mesma, conforme a língua em questão.

¹ Livros organizados por Franceschini: (1) *Mowe'eg hap* (1997); (2) *Wantym sa'awy etiat* (2000); (3) *Warana sa'awy etiat* (2000); (4) *Wahemeikowo tuerut aheko* (2007); (5) *Satere Miwan Pakup* (EDUPB, 2008) e livro da autoria de UGGÉ: *Bonitas Histórias Sateré-Maué*.

O uso de **palavras interrogativas** em enunciados interrogativos é comum em muitas línguas, uma vez que servem não somente para sustentar a interrogação do enunciado em que estão inseridas, como para esboçar qual informação está sendo solicitada mediante o questionamento apresentado.

Por sua vez, as interrogações formadas a partir de uma sentença declarativa a que se alia uma questão particular são denominadas **questões tag**. Conforme Payne, ao empregar uma **questão tag** em um enunciado interrogativo, o emissor tem o conhecimento, de antemão, da informação a ser impressa pelo receptor, isto é, o falante intenciona que a resposta do ouvinte satisfaça as suas expectativas.

A partir destas possibilidades morfosintáticas e fonológicas descritas por Payne é que faremos a descrição da interrogação em Sateré-Mawé.

2. A interrogação em Sateré-Mawé

Em Sateré-Mawé, assim como em outras línguas Tupi, há uma distinção entre os enunciados interrogativos do tipo 1 (questões polares) e do tipo 2 (questões de conteúdo), como propõe Thomas E. Payne (1997).

No que concerne aos enunciados interrogativos do tipo 1, também chamados de “questões polares”, estes que podem ser marcados pela presença das partículas interrogativas **apo** ou **ij**, ou não. Quando não marcados por nenhuma destas partículas, a possibilidade fonológica entonação está presente para atribuir um valor semântico interrogativo aos mesmos. Vejamos o exemplo abaixo:

(1) **ereto ra'in Maués kape?**

verbo asp. 'Maués' posp.

“Você foi para Maués?”

No enunciado (1), observamos que não aparecem as partículas interrogativas **apo** ou **ij**, sendo que apenas a entonação atribui valor semântico interrogativo ao mesmo².

As partículas interrogativas **apo** e **ij** nunca aparecem no início do enunciado, sempre seguem o termo sobre o qual incidem, podendo este ser um dos constituintes do enunciado ou o enunciado como um todo. Vejamos, abaixo, exemplos de enunciados que contêm tais partículas.

(2) **waku apo** ahesokpe hu:n?

'é bom' part. inter. 'nossa roupa' 'ficar suja'

“É bom nossa roupa ficar suja?”

(3) **en apo** eriot 'e?

'você' part. inter. verbo 'disse'

“Foi você que veio? disse.”

(4) **akuri ke³ ij?**

'cutia' part. enunc. part. inter.

“É cutia?”

(5) **en ai – ij** eteru:t uhe'amyap 'e?

'você' pref.+ part.inter. verbo 'meu banco' 'disse'

“Foi você que trouxe o meu banco? disse.”

Nos enunciados (2) e (3), temos o emprego da partícula interrogativa **apo**, a qual aparece após o constituinte sobre o qual incide a interrogação. Em (4), observamos o uso da partícula interrogativa **ij** precedida da partícula enunciativa **ke**, e incidindo sobre o enunciado como um todo; e no exemplo (5),

² Como os dados analisados até o momento são apenas escritos, não analisamos ainda a diferença entre a entonação dos diferentes tipos de enunciado da língua.

³ O valor semântico específico da partícula enunciativa **ke** ainda não foi analisado.

prefixada por *ai-*, morfema indicador de dúvida, e incidindo sobre o constituinte em função ‘sujeito’ no enunciado.

Conforme se observa nos exemplos (2) a (5) acima, as partículas interrogativas *apo* e *iŋ*,⁴ ao mesmo tempo em que indicam o constituinte sobre o qual incide a interrogação, servem para enfatizar e focalizar esse constituinte do enunciado.

A partícula interrogativa *iŋ*, ao contrário de *apo*, também é usada nos enunciados interrogativos do tipo 2, ou seja, nas interrogações de conteúdo. Esses enunciados são marcados pela presença das proformas indefinidas *uwe*, *kat* e *kan* podendo ou não ser marcados pela presença da partícula interrogativa *iŋ*, que serve também nestes enunciados para focalizar e enfatizar o termo sobre o qual incide a interrogação.

Em relação às proformas *uwe*, *kat* e *kan*, os seus usos parecem ser condicionados pelos seguintes fatores:

- (1) pelo traço semântico humano/não-humano do termo sobre o qual incide a interrogação: *uwe* / *kan* e *kat*
- (2) pela função sintática do termo interrogado e
- (3) pela classe do verbo principal presente no enunciado.

Enquanto que a proforma *uwe* é usada para fazer referência a humanos, *kat* e *kan* são proformas usadas quando o referente não é humano⁵. No entanto, o que distingue o uso das proformas *kat* e *kan* é a função sintática que desempenha no enunciado o termo questionado e a classe do verbo do enunciado, conforme mostraremos mais adiante.

O uso da proforma ‘uwe’

A proforma indefinida *uwe* é empregada quando a interrogação incide sobre um referente humano. Essa proforma aparece no início do enunciado e é, frequentemente, seguida do uso da partícula interrogativa *iŋ*,⁶ independentemente da função que o termo interrogado desempenha no enunciado. Apresentaremos abaixo o uso da proforma *uwe* em enunciados em que a interrogação incide sobre seus diferentes constituintes.

No *corpus* analisado, o uso da proforma *uwe*, quando a interrogação incide sobre o sujeito do enunciado, é seguido do uso da partícula interrogativa *iŋ*. Neste caso, observamos que os verbos presentes no enunciado podem ser verbos de processo ou verbos de estado. Vejamos os exemplos a seguir:

- (6) **uwe** **iŋ** iti - auka koiti’i?
 prof. part. ‘veado’+ base verbal ‘hoje’
 ind. inter.

“Quem matou veado hoje?”

- (7) **uwe** **iŋ** to -to miat pe?
 prof. part. 3ª p.sg.+ base verbal ‘caça’ posp.
 ind. inter.

“Quem foi para a caça (caçar)?”

- (8) **uwe** **iŋ** i-nuŋ i ara?
 prof. part. 3ª p.sg.+base verbal ‘canoa’
 ind. inter.

“Quem está fazendo a canoa?”

- (9) **uwe** **iŋ** po’oŋ i-kahu?
 prof. part. ‘mais’ 3ª p.sg.+ base verbal
 ind. inter.

⁴ Embora estas duas partículas interrogativas apresentem distinções, estas não serão apresentadas neste artigo por ainda não terem sido analisadas sistematicamente.

⁵ A oposição entre humanos e não-humanos também é encontrada no sistema de pluralização em Sateré-Mawé.

⁶ No artigo “Uma reconstrução parcial do sistema interrogativo Tupi” de Seki e Brandon (2007), a Língua Sateré-Mawé é apresentada como uma das línguas que não combina as palavras interrogativas com partícula interrogativa; esta análise, baseada em um livro de frases sateré-mawé – português de GRAHAM (SIL), conforme consta na bibliografia do mesmo, é equivocada, conforme mostram os inúmeros exemplos de uso de palavras interrogativas associadas à partícula interrogativa *iŋ* apresentados neste artigo.

“Quem é mais bonito?”

Nos enunciados acima encontramos o uso da proforma *uwe* acompanhada da partícula interrogativa *ij*, independente se há nos mesmos a presença de um verbo de processo que apresenta uma construção direta, como em (6) e (7); ou inversa⁷, como em (8); ou de um verbo de estado, como em (9).

O uso da proforma *uwe* nos enunciados em que a interrogação incide sobre o objeto direto ou sobre o determinante do núcleo do objeto direto também é acompanhado do uso da partícula interrogativa *ij*; como se observa no exemplo (10), em que *uwe* é acompanhado da partícula enunciativa *ke*, seguida da partícula interrogativa *ij*, indicando que a interrogação incide sobre o objeto direto; e no exemplo (11), em que é acompanhado apenas da partícula *ij* indicando que a interrogação incide sobre o determinante do objeto direto.

- (10) **uwe ke ij ta'atu-suk?**
 prof. part. part. 3ª p. pl.+ base verbal
 ind. enunc. inter.

“Quem foi que eles furaram?”

- (11) **uwe ij iat etunuŋ?**
 prof. part. ‘casa’ verbo de processo
 ind. inter.

“A casa **de quem** você fez?”

Já nos enunciados em que a interrogação incide sobre um complemento circunstancial, a proforma indefinida *uwe* é seguida de uma posposição e pode ou não ser seguida da partícula interrogativa *ij*, conforme mostram os exemplos (12), sem *ij*, e (13), com *ij*:

- (12) **uwe kaipii tapi'ia tikii'at wa'ã?**
 prof. ind. posp. ‘índio’ verbo ‘panela’

“**De quem** o índio comprou a panela?”

- (13) **uwe pe ij ihaiŋnia tum pira ko'i?**
 prof. posp. part. ‘homem’ verbo ‘peixe’ pl.
 ind. inter.

“**Para quem** o homem deu os peixes?”

O uso das proformas *kat* e *kan*

As proformas indefinidas *kat* e *kan* são usadas quando o referente é não-humano. O uso dessas formas parece ser condicionado pela função sintática que desempenha no enunciado o termo questionado e a classe do verbo do enunciado. O uso dessas proformas, frequentemente, não é seguido do uso da partícula interrogativa *ij*.

Nos dados que constituem o *corpus* analisado, quando a interrogação incide sobre o constituinte em função sujeito, a proforma *kat* é usada em enunciados que apresentam um verbo de processo, e *kan* quando o enunciado apresenta um verbo de estado. Nesse caso as proformas *kat* e *kan* não são seguidas da partícula interrogativa *ij*, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (14) **kat har i - auka himpa sio a:hu?**
 prof. ‘mulher idosa’ verbo ‘tamanduá’ ‘ou’ ‘doença’
 ind. processo

“**O que** matou vovó: o tamanduá ou a doença?”

- (15) **kan sese i-kahu?**
 prof. Indf. ‘muito’ verbo de estado

⁷ Os verbos de processo em Sateré-Mawé podem, de acordo com determinados fatores, apresentar uma construção direta ou inversa, sendo que a construção inversa apresenta a mesma estrutura que a construção dos verbos de estado; sobre esse assunto ver Franceschini (2002).

“O que é muito bonito?”

O exemplo (14) apresenta um verbo de processo e, portanto, a proforma *kat*; já no exemplo (15) emprega-se a proforma *kan*, pois o enunciado apresenta um verbo de estado.

Já em enunciados em que a interrogação incide sobre o constituinte em função objeto direto, há preferência pelo uso da proforma *kan*, sendo que apenas um exemplo com o uso da proforma *kat* foi encontrado. Neste caso, a proforma *kat* aparece acompanhada da partícula interrogativa *iŋ*, precedida da partícula enunciativa *ke*, conforme mostra o exemplo (17).

- (16) **kan** ase'i ti-'auka?
prof.ind. 'homem idoso' verbo

“O que você matou?”

- (17) **kat ke iŋ** maŋkuka ti-tektek?
prof.ind. part. enunc. part.int. 'raposa' verbo

“O que a raposa cortou (com o dente)?”

Em contrapartida, nos enunciados em que a interrogação incide sobre o determinante do núcleo do objeto direto ou sobre um complemento circunstancial, encontramos, no *corpus* analisado, apenas o uso da proforma *kat*, como mostram os exemplos abaixo:

- (18) **kat mikoi ko'i** watikoi ii kit pe?
prof.ind. 'planta' pl. verbo 'terra' 'amarela' posp.

“Plantas de que tipo nós plantamos na areia?”

- (19) **kat e - pira** po'oŋ etekii?
prof.ind. rel.+ 'peixe' 'mais' verbo

“Peixe de que tipo você mais puxou?”

- (20) **kat pe iŋ** kurum toto?
prof.ind. posp. part.inter. 'menino' verbo

“Para quem o menino foi?”

Enquanto que nos exemplos (18) e (19) a interrogação incide sobre o determinante do núcleo do termo em função objeto direto, no exemplo (20), incide sobre um complemento circunstancial; neste caso, a proforma indefinida *kat* é seguida da posposição *pe* e da partícula interrogativa *iŋ*, sendo que esta última não é obrigatória.

Conclusão

A partir desta análise preliminar da interrogação em Sateré-Mawé, pode-se dizer que esta língua apresenta questões do tipo 1 (“questões polares”) e do tipo 2 (“questões de conteúdo”), sendo que para a realização das mesmas empregam-se diferentes estratégias fonológicas e/ou morfossintáticas.

Em relação aos questionamentos do tipo 1, há o uso das partículas interrogativas ou *apo* ou *iŋ* seguindo o termo questionado nos enunciados, podendo a interrogação incidir sobre um dos constituintes do enunciado ou sobre o enunciado como um todo. Quando essas partículas não são empregadas, a possibilidade fonológica entonação é utilizada a fim de atribuir um valor semântico interrogativo aos mesmos.

No que diz respeito aos questionamentos do tipo 2, estes são construídos mediante o uso de proformas indefinidas – *uwe*, *kat* e *kan* – combinadas ou não à partícula interrogativa *iŋ*. O uso de tais proformas é condicionado pelos seguintes fatores:

- (1) pelo traço semântico humano (*uwe*) ou não-humano (*kan* e *kat*) do termo sobre o qual incide a interrogação;
- (2) pela função sintática do termo interrogado;
- (3) pela classe do verbo principal presente no enunciado.

Enquanto que a proforma *uwe* é empregada em todos os enunciados em que o termo interrogado faz referência a um ser humano, sem levar em consideração a função do mesmo ou a classe do verbo presente no enunciado, o uso das proformas *kan* e *kat* parece depender da função do termo sobre o qual incide a interrogação no enunciado e da classe do verbo presente no enunciado. Enquanto que a proforma *kan* é usada quando a interrogação incide sobre o sujeito de um enunciado que apresenta um verbo de estado ou o objeto direto de um enunciado, a proforma *kat* é usada, principalmente, quando a interrogação incide sobre o sujeito de um enunciado que apresenta um verbo de processo; ou sobre um determinante do objeto direto; ou sobre um complemento circunstancial.

As partículas interrogativas *apo* ou *ij*, além de atribuírem um valor interrogativo aos enunciados, focalizam o termo sobre o qual incide a interrogação, podendo este ser, nos enunciados do tipo 1, um de seus constituintes ou o enunciado como um todo; já nos enunciados de tipo 2, encontramos principalmente o uso da partícula interrogativa *ij*, sendo que esta é usada principalmente com a proforma *uwe*, a qual faz referência a humanos, o que parece evidenciar sua função enunciativa, ou seja, a de enfatizar e focalizar o termo sobre o qual incide a interrogação, uma vez que humanos são sempre mais altos na hierarquia de pessoa que opera nesta língua (cf. Franceschini, 1999).

Referências Bibliográficas

FRANCESCHINI, D. *La Langue Sateré-Mawé - description et analyse morphosyntaxique*. Tese de Doutorado. Universidade Paris VII (Denis Diderot), 1999.

A voz inversa em Sateré-Mawé (Tupi). In: CABRAL, A.S.A.C. & RODRIGUES, A.D. (orgs.). *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Tomo I. Belém: EDUFPA, 2002. pp. 222-233

PAYNE, Thomas E. *Describing Morphosyntax: A Guide for Field Linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, A. D. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. Em: *Revista Antropológica*, vol. 27/28, 1984/85.

RODRIGUES, A. D. & DIETRICH, W. On the linguistic relationship between mawé and tupi-guarani. Em: *Diachronica*, XIV: 2. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.

SEKY, L. & BRANDON, F. Uma reconstrução parcial do sistema interrogativo Tupi. In: In: CABRAL, A.S.A.C. & RODRIGUES, A.D. (orgs.). *Línguas e Culturas Tupi*. Campinas, SP: Curt Nimuendaju; Brasília: LALI/UNB, 2007. pp. 259-276